

O LATIM NO CONTEXTO LETRADO DO BRASIL COLÔNIA

Cláudia Valéria Penavel BINATO

Resumo: O Grupo de Pesquisa A Escrita no Brasil Colonial estuda, ao longo dos últimos dez anos, documentos literários e não literários no contexto lusitano e brasileiro dos séculos XVI ao XVIII. Há muitos registros de textos escritos em latim, nessa época, que dialogam com os problemas da terra, da literatura, da religião, das atividades artesanais e que foram produzidos tanto em manifestações coletivas, como as academias histórico-literárias, quanto individualmente, por autores que optaram por expor suas idéias nesse idioma. Apresentaremos, neste texto, alguns letrados do Brasil Colonial que recorreram ao latim como expressão literária.

Palavras-chave: Escrita no Brasil Colonial; Academias Histórico-literárias; Latinidade Brasileira

LATIN LANGUAGE IN COLONIAL BRAZIL

Abstract: The Writing in Colonial Brazil Research Group has been studying both literary and non-literary documents for the past ten years. These documents were produced in the Portuguese and Brazilian contexts of the XVIth and XVIIth centuries. Many of these texts are written in Latin, concerning subjects such as land, literature, religion, or craftsmen activities. They have been produced both collectively in historic and literary Academies and by individual writers. In this lecture we intend to present some of those men of letters who have chosen the Latin language to express themselves.

Key words: The Writing in Colonial Brazil; historic and literary Academies; Brazilian Latinity

Os europeus que viveram no Brasil dos séculos XVI e XVII realizaram um tipo de literatura que se costuma enquadrar no *ciclo dos descobrimentos*. A este *ciclo* definido por Fidelino de Figueiredo como o “conjunto de obras que têm por objeto os descobrimentos marítimos e as suas conseqüências morais e políticas”¹, pertencem as primeiras manifestações literárias da Colônia brasileira.

Estas manifestações literárias limitavam-se a relatos de viajantes, jesuítas e cronistas portugueses e inventariavam diversos aspectos da sociedade a ser colonizada². Ao lado dessas crônicas informativas, aparecem também outras modalidades literárias, como a poesia lírica e épica, a prosa edificante, realizada através da oratória sacra e do teatro jesuítico, de cunho pedagógico e catequético³.

A sociedade que aqui existiu nos primeiros séculos de conquista, de colonização e, particularmente, no século XVIII, possuía o caráter clássico-humanístico. O vasto sistema de educação⁴ a ser implantado pressupõe o início da formação cultural, desenvolvida nos tradicionais moldes clássicos, sendo ampliado progressivamente, com a expansão territorial do domínio português .

O Brasil recebera, além da língua *vulgar* ou *corrente* dos colonos lusitanos, também a língua culta dos Jesuítas, como instrumento dos ensinamentos religiosos e expressão de uma literatura que já possuía raízes e tradições na Metrópole. Assim, por mais esta razão, houve o predomínio da cultura clássica, ou do classicismo, como base de nossa literatura colonial.

Esses educadores pertenciam à ordem religiosa dos Padres Jesuítas chamada *Companhia de Jesus*, fundada por Inácio de Loiola, em Paris, no ano de 1534, com a preocupação de difundir a fé cristã e manter sua pureza. Os Jesuítas destinados ao Brasil se dedicaram, além disso, a reorientação da cultura portuguesa, preservando sua herança clássica tradicional. A *Ratio Studiorum*⁵ e a *Inquisição*⁶ foram os instrumentos utilizados para a conquista dos objetivos da *Companhia* que, nos fins do século XVI, dispersava-se, na Europa, em missões de combate à heresia e, além dos mares, à difusão da fé e do Evangelho.

Essa educação, em princípio, tinha por objetivo precípua ensinar a “ler, escrever, contar e falar o português”. Posteriormente, conforme o plano de estudos da *Ratio Studiorum*, consistia nos ensinamentos de gramática latina, da doutrina cristã e mais tarde da filosofia escolástica, das humanidades e da retórica⁷, com o predomínio do latim, visando “*formar o homem in litteris humanioribus, ministrando-lhe um ensino eminentemente literário de base clássica*”, segundo Fernando de Azevedo⁸.

Os colégios jesuíticos, no Brasil, eram primordialmente seminários religiosos e excepcionalmente, por caridade, é que aceitavam estudantes leigos para os cursos primários. Por conseguinte, todo currículo de estudos era organizado coerentemente para uma educação moral e religiosa. É nessa ordem de consideração que se deve entender a natureza dos cursos denominados *Humanidades*.

Essa herança clássico-humanística adquirida dos Jesuítas vai formar na Colônia, em meados do século XVII, uma *cultura de elite*, constituída por uma pequena aristocracia de letrados, eruditos, futuros teólogos, padres, juizes, magistrados, desembargadores, escritores, poetas e oradores. Todos estudiosos, instigados, principalmente, pelos títulos acadêmicos e pela ânsia de ascensão social.

Como a formação intelectual que recebiam nos colégios⁹ e seminários exigisse profundo conhecimento de língua latina, as atividades literárias e acadêmicas que vão

perdurar até o movimento academicista do século XVIII, seriam pautadas pelas humanidades clássicas.

Pelos costumes e ideais de então, pretendeu-se manter o latim ainda erguido à categoria de língua universal da época e sustentar nos homens o fascínio pelas letras clássicas, para a transmissão da *Humanitas*. Entre os poetas e os prosadores, a produção poética escrita no Brasil, nesse idioma, vem comprovar o legado dos Jesuítas no conjunto formador da cultura brasileira e com ela os primeiros alentos da literatura.

As poesias latinas escritas por brasileiros ou por literatos radicados no Brasil se puseram também a escrever em latim, inclusive poesias, ainda que em número reduzido, no século XVI. Nos dois séculos posteriores, exímios latinistas entre os quais P. José de Anchieta, Pietro Angelo Spera¹⁰, Manuel de Lima¹¹ e Pero Rodrigues¹² valorizaram a língua de Cícero em suas obras.

José de Anchieta, figura verdadeiramente venerável, além da produção literária em português, castelhano e tupi-guarani, apresenta, no elenco de suas composições, vários escritos em latim. Ao lado de sua operosidade no campo missionário, na catequese e no magistério, compôs com vivo e raro engenho muitas obras poéticas, em toda sorte de metro, com maior empenho e satisfação pessoal dados às suas composições latinas, como que a dar evasão ao seu inato pendor lírico e poético.

Na poesia do Pe. José de Anchieta destaca-se o texto *De Beata Virgine Dei Matre Maria*, poema elegíaco, com 5.786 versos, publicado pela primeira vez em 1663, pelo Padre Simão de Vasconcelos. Nesta obra, Anchieta narra, em linguagem bíblica e litúrgica, na língua latina, a vida e as glórias da Virgem Maria¹³.

Elencados ainda no rol de sua produção de poemas latinos encontram-se: *Horae Immaculatissimae Conceptionis Virginis Mariae* (as “Horas”, em sáficos latinos); *De Assumptione Beatae Mariae Virginis* (hino sacro, com 368 versos); *Ladainhas* (onze invocações, em dísticos elegíacos); *De Gestis Mendi de Saa, Praesidis in Brasília. Poema Epicum* (original acompanhado de introdução, versão e notas pelo Pe.Armando Cardoso), epopéia latina, em versos hexâmetros, que narra os feitos de Mem de Sá:

*...Iamque pius Dominum caeli terraeque marisque
Mendus adorari cupiens, sanctumque per oras
Australes Christi venerari nomen Iesu,
Brasilles, saevo degentes more ferarum,
Frenare imposita statuebat lege, cruentos
Compescens morsus hominum, ingluviemque voracem
Non patiens ultra satiari sanguine; sanctum
Ne ius naturae superi lexque alma Parentis
Frangatur; crebo cum ignobile murmure vulgus,
Colluvies hominum, quos vel malesuada cupido,
Vel metus urgebat, iactabat talia passim:
"Quis novus hic nobis praeses? que pristina scindit*

*"Iura modo, moresque novos inducere tentat
"Gentibus indomitis, vivendi et tradere normam?
"Hiccine amicitiae persuadeat ulla cruentis
"Foedera nunc populis? Humanis desinat uti
"Carnibus in pastum Brasillica natio, saevas
"Exstirpans animis iras diuturnaue bella?"
(De Gestis Mendi de Saa, Praesidis in Brasília. vs 903-20)*

*"...O piedoso Mem de Sá desejou depois disto
ver adorado o Senhor do Céu, do mar e da terra
e venerado nas plagas do Sul o nome de Cristo.
Resolve impor leis aos índios que vivem quais feras
e refrear seus bárbaros costumes. Logo desterra
a antropofagia cruel: não permite mais que movidos
de gula infrene bebam o sangue fraterno,
nem mais violem os santos direitos da mãe natureza
e as leis do Criador. Para logo o ignóbil vulgacho
a quem movia ora ambição mal inspirada
ora verdadeiro terror, pôs-se a espalhar estes rumores:
"que novo governador é este? com que direito posterga
as leis antigas e tenta impor novos costumes,
novas normas de vida a indômita gentes?
Poderá ele agora persuadir a povos selvagens
tratados de aliança? deixará a raça brasíllica
de comer carne humana, banindo do seio
dos seus filhos ódio cruéis e guerras antigas?"¹⁴*

A *Companhia de Jesus no Brasil*¹⁵, fiel à tradição de sua cultura clássica e as suas preocupações de ordem espiritual, formou basicamente clérigos e letrados. Pouco interesse havia, por parte dos estudantes, pelas ciências físicas e naturais ou pelas atividades técnicas e artísticas. Formaram-se cronistas, historiadores, poetas e oradores, todos ativos participantes da incipiente sociedade literária da Colônia. Uma infinidade de obras, escritas tanto em vernáculo, como também em latim, compõem os primórdios da história da cultura brasileira. Somente no século XVIII a educação, de certa maneira, se *populariza* verdadeiramente, espalhando nas novas gerações a mesma fé, a mesma língua e os mesmos costumes. Foi então que começou a ser *forjada* na unidade espiritual, difundida sob a influência dos Jesuítas, uma nova mentalidade de unidade política de uma nova pátria.

Fernando de Azevedo cita os grandes nomes dessa época: os historiadores Frei Vicente de Salvador, Rocha Pita e Pedro Taques; os poetas Gregório de Matos, Cláudio Manuel da Costa e José Basílio da Gama e os oradores sacros Eusébio de Matos e Pe. Antônio Vieira. Relata, ainda, a supremacia da obra e o gênio de Vieira:

*O maior de todos os discípulos dos jesuítas, nos colégios
coloniais, - prosador notável e pregador sem rival, com quem*

aprenderam a polir e a burilar a frase os maiores escritores e ensaiaram os seus vôos as águias da eloquência sagrada e política; lapidário máximo da linguagem portuguesa, opulenta e formosíssima, foi nas suas qualidades e nos defeitos, desproporcionados pela exuberância de seu talento, a expressão mais alta dessa educação intelectualista, dialética e formal, concentrada na cultura da palavra, da forma, do gosto literário e da imaginação¹⁶.

As composições em latim de Pe. Vieira, ricas em conteúdo e significado, encontram-se, porém, quase que totalmente desconhecidas. Serafim Leite elenca as poesias latinas:

- a) *Epigramata Duo Patris Antonii Vieira in morte D.D. Mariae de Atayde*. Publicados, à primeira vez, no *Sermão das Exéquias*. Lisboa: Officina Crasbeekiana, 1650. E também em *Obras Inéditas do Padre Antonio Vieira*. Lisboa: J.M.C. Seabra & V. Q. Antunes, 1856-57, III, p. 75;
- b) *Catharinae Lusitanae Britannicae Reginae Epithalamium*¹⁷.

Vários outros poetas propagaram em suas produções, no século XVII, os valores dos missionários. Os autores que expressaram, tanto quanto permitia o meio, as culturas latinas e cristãs, assim como fizera Vieira, foram: Pe. Simão de Vasconcelos (1596-1671), Domingos Barbosa (1624-1685), João Felipe Bettendorf (1625-1698), Antônio da Fonseca (1628-1695), Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711)¹⁸, João Pereira (1646-1715), Salvador Mesquita¹⁹ (1646- ?), Ângelo dos Reis (1664-1723) e Antônio de Lima (1689-1724). É de se notar que, a exceção feita aos autores Manuel Botelho de Oliveira e Salvador Mesquita, a poesia latina, dos séculos XVI e XVII, é produto exclusivamente dos Jesuítas.

Ao lado desses poetas, aparecem, ainda no século XVIII, os autores dos poemas didáticos, que narram a vida econômica e social do Brasil Colônia. Os mais conhecidos, em face da importância de sua produtividade no campo latino são: Prudêncio do Amaral (1675-1715), José Rodrigues de Mello (1723-1789), Francisco da Silveira (1718-1795), além do jesuíta italiano André João Antonil, pseudônimo de João Antônio Andreoni, que escreveu, em português, *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, em Lisboa, em 1711²⁰.

É da autoria de Prudêncio do Amaral o poema sob quatro títulos: *De Sacchari Opificio Carmen; De Saccharis Opificio; De Opificis Saccharis e Descriptio epica molis sacchariae*, cuja primeira edição foi publicada com o seguinte título: *Prudentii Amaralii Brasiliensis, De Sacchari Opificio Carmen*: Pisauri, ex Tip. Amatina, MDCCLXXX, 27 p. e uma gravura. Edição feita pelo Pe. Jerônimo Moniz, baiano de São Francisco, que possuía o manuscrito e o “poliu e ilustrou com notas”. A esta obra juntam-se ainda o poema

elegíaco com sete *cantos De Arte Amandi Deiparam* (de paradeiro ignorado) e quatorze epítáfios intitulados *Epitáfios latinos* (impressos no fim das *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*, Lisboa, por Pascoal da Silva, 1719²¹).

Já a principal obra de José Rodrigues de Melo é *Josephi Rodrigues de Mello Lusitani Portuensis De Rusticis Brasiliae Rebus Carminum Libri IV. Accedit Prudentii Amaralii Brasiliensis De Sacchari Opificio Carmen*. Romae, Ex Tipographia Fratrum Puccinelliorum prope Templum S. Mariae in Valicella, Publica auctoritate, MDCCLXXXI. Obra sobre economia rural do Brasil, composta pelos seguintes poemas latinos: *De cultura radicis Brasilicae*, *De usu vario radicis Brasilicae*, *De cura boum in Brasilia* e *De cultura herbae nicotinanae in Brasilia*. Incluiu nesta edição de 1781 um *Carmen Genethliacum*, com a “Paráfrase dos versos latinos”, publicados anteriormente, em 1780, pela mesma tipografia *Fratrum Puccinelliorum*. Escreveu também *Carmen in nuptiis Joannis Ricci et Faustinae Parraciani nobilium Romanorum*. Romae, 1778²².

*"At si distat ager, nimiumque recedit ab urbe,
armenti pars magna viae consumpta labore
interit, a retro pars desvia tramite, silvis
dggugium quaerit; qui tandem ad moenia pauci
perveniunt urbana, boves squalore, situque
deformes, vili pretio vendentur; et ipse
fessus ab urbe domum, vacuuc tamen aere, redibis".
(De Cura boum in Brasilia - vs.42-48)*

Mas, se longe estiver a tua fazenda e distar muitas léguas da cidade, um grande parte do gado, fatigado pelo trabalho da jornada, perece; e outra parte, fugindo para trás por desconhecida vereda, procura esconder-se nos matos; finalmente, os poucos bois que chegam aos currais da cidade, demasiadamente desfeitos pela magreza e sede, se venderão por vil preço; e tu mesmo, fatigado, voltarás da cidade à casa com a bolsa limpa de dinheiro.²³

Com o curso Humanidades, o verdadeiro alicerce de toda essa estrutura, solidamente montada, do ensino nos colégios, sob a responsabilidade exclusiva da Companhia de Jesus, formaram-se os *doutos brasileiros*. Desse modo, tiveram início, aqui, os processos literários então dominantes em Portugal²⁴. Era dado assim ao povo brasileiro, apesar de ainda em formação, começar, em literatura, guiando-se pelos povos mais adiantados da antigüidade, cujo espírito, o Classicismo tentava reanimar, com grande esforço. Em princípio, a necessidade de imitar e o gosto do artifício colocavam em plano secundário a inspiração e o sentimento.

Nesse contexto histórico-social do século XVIII floresceram as academias literárias brasileiras que caracterizam o marco inicial da nossa literatura, propriamente dita, por representarem um progresso considerável do cultural e artístico da Colônia, irmanadas a essa cultura humanística disseminada pelos jesuítas e demais ordens religiosas.

Foi a partir da fundação da *Academia Brasílica dos Esquecidos*, em 1724-25, na Bahia - a primeira academia - que a formação de nossa vida intelectual e de nossa literatura alcançaria condições de se desenvolver. Intensificando a sociabilidade dos letrados de várias partes da Colônia, estimulando-os a aplicar seus conhecimentos na celebração dos fatos históricos e locais, as primeiras manifestações de consciência intelectual comum das academias esboçam um princípio de integração nacional.

As academias, como instituições organizadas e regulamentadas por estatutos, possuíam seu mecenas e seu fundador. Eram compostas por um número restrito, mas significativos de sócios. Os homens letrados, chamados de acadêmicos, escreviam composições, a maior parte delas, em língua vernácula, latina e espanhola. As principais e importantes academias são²⁵:

- 1) *Academia Brasílica dos Esquecidos* - 1724-25;
- 2) *Academia dos Felizes* - 1736-40;
- 3) *Academia Brasílica dos Renascidos* - 1759;
- 4) *Academia científica do Rio de Janeiro* - 1772/79;
- 5) *Sociedade Literária do Rio de Janeiro* - 1786/90 - 1794 e
- 6) *Arcádia Franciscana Fluminense* - 1786.

Contrariando alguns críticos, que consideram a temática do Classicismo como originária da literatura brasileira, está o escritor Afrânio Coutinho que define a literatura no Brasil colonial eminentemente barroca e não clássica, pois nasceu sob o signo do Barroco e pela mão barroca dos Jesuítas.

O estudo da época colonial oferece o maior interesse para a compreensão da cultura brasileira. Nela se processou o impacto inicial das culturas no novo ambiente, e a mescla imediatamente iniciada constituiu a base da nossa cultura. Sem falar na constituição dos costumes e formas de organização social, da fixação de valores de vida e sistemas éticos e legais, traços de psicologia individual e coletiva, vivências estéticas. Os problemas da origem brasileira confundem-se com os da cultura que atuava naquele período, o Barroquismo, de que decorreram inclusive características permanentes, na oratória, no gosto da retórica e da "frase", que contaminaram até a poesia lírica e a prosa de ficção²⁶.

Ainda, segundo o referido autor, a literatura jesuítica brasileira, em busca do ideal religioso e pedagógico da conversão e da catequese, é uma típica manifestação barroca, evidenciada nos temas, ideologia, estrutura e intenção. É precisa e clara a presença da estética e das técnicas estilísticas dessa *corrente*, no estilo de compor dos autores como Antônio Vieira, na prosa (a ênfase, a sutileza, o paradoxo, a antítese, a repetição, a assimetria, o paralelo, o manejo da metáfora) e Gregório de Matos, na poesia (mistura de religiosidade e sensualismo, de misticismo e erotismo, de valores terrenos e carnavais e de aspirações espirituais).

O Barroco é *a tradução de um estilo que traduz a interpretação religiosa e filosófica de uma época atormentada*. É, sobretudo, o instrumento estilístico da literatura de cunho moralizante e religioso, de devoção e ascetismo, principalmente na vasta literatura de panegíricos e de parenética, de grande importância para a Colônia pelo seu alcance popular, da produção das academias do século XVIII²⁷.

Pelo que ficou dito, também aqui no Brasil houve um grande empenho em desenvolver o conhecimento da língua latina e da cultura clássica. Todos os alunos que estudavam com os Jesuítas, a maior força acadêmica, aprendiam o latim e muitos adquiriam um profundo conhecimento desse idioma. Não só os Jesuítas e outros religiosos escreveram obras de grande valor em latim, mas também muitos dos seus alunos, como os já citados: José Anchieta; os historiadores Frei Vicente de Salvador, Rocha Pita e Pedro Taques; os poetas Gregório de Matos, Cláudio Manuel da Costa, José Basílio da Gama, Manuel Botelho de Oliveira e Salvador Mesquita; os oradores sacros Eusébio de Matos e Pe. Antônio Vieira e os autores que relatam, em poemas didáticos, as grandezas econômicas do Brasil colonial, como Prudêncio do Amaral, José Rodrigues de Mello, André João Antonil e Francisco da Silveira.

Notas:

1 Cf. COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: São José, 1968, p.77.

2 Literatura informativa: são textos documentais que referem as condições de vida e a visão de mundo dos colonos portugueses em seu processo de ocupação e exploração da terra recém-descoberta. Além de descrever hábitos e costumes indígenas, narram a nova terra com uma visão superlativa, ufanista, exaltando a exuberante variedade da flora e fauna. A ótica predominante é a da euforia, derivada da perspectiva de posse e exploração de matéria-prima, segundo a qual o Brasil parecia ter sido feito para ser desfrutado pelos europeus. Entre os textos de origem portuguesa destacam-se: *a Carta* (1500), de Pero Vaz de Caminha ao Rei D.Manuel; o *Tratado da Terra do Brasil* (1537, editado em 1826) e *a História da Província de Santa Cruz, a que Vulgarmente chamamos Brasil*, ambos de Pero de Magalhães Gandavo; o *Tratado Descritivo do Brasil* (1587), de Gabriel Soares de Souza e os *Diálogos das Grandezas do Brasil* (1618), de autoria atribuída a Ambrósio Fernandes Brandão.

- ³ *Literatura formativa*: realizada pelos jesuítas em sua missão de educar o índio e impedir o desmoroamento moral do colono português. Esta manifestação literária consistia, basicamente, em produzir textos didáticos, religiosos e morais. Durante muito tempo, estes textos foram a única forma de desenvolvimento cultural do país, pois os Jesuítas detinham o monopólio da educação, reunindo em suas escolas os *curumins* e os meninos dos colonos para serem *espiritualmente formados* e *culturalmente educados*.
- ⁴ Educação literária, de fundo religioso, organizada sob as influências e conseqüências das lutas da Reforma e da Contra-reforma, para a propagação da fé.
- ⁵ A *Ratio Studiorum* regulou cursos, programas, métodos e disciplinas das escolas da *Companhia* e sintetizou a experiência pedagógica dos Jesuítas. O saber era sistematizado e fundamentado na teologia, seguindo São Tomás de Aquino, e na filosofia, apreendida de Aristóteles. FRANCA, Leonel, S. J. Pe. *O método pedagógico dos jesuítas*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.
- ⁶ Denominada oficialmente *Tribunal do Santo Offício* tinha a missão de zelar pela integridade da fé. Tratava-se de uma instituição tipicamente medieval, com amplos poderes em relação à privação da liberdade religiosa. Em Portugal, foi restaurada em 1540, como parte da luta da Igreja Católica contra os protestantes.
- ⁷ De acordo com Leonel Franca (*op. cit.*, p. 80), a formação humanística, no que se refere ao desenvolvimento de seu currículo, prima pela gramática que visa a expressão clara e correta; pelas humanidades, a expressão bela e elegante e pela retórica, expressão enérgica e convincente.
- ⁸ O latim constituía o vínculo de unidade européia e também de transmissão de toda cultura superior. Desempenhou papel fundamental como elemento de comunicação de idéias e ideais entre os eruditos e intelectuais. Cf. AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958, p.27.
- ⁹ A cultura intelectual difundida no Brasil situava-se ao nível dos colégios de Teologia medievais. Durante o período colonial não existia ensino superior, a exceção para as carreiras eclesiásticas. As primeiras escolas desse tipo (escolas de engenharia e medicina, entre outras) seriam criadas dez anos após a mudança da Corte de D. João VI (1808). A criação de uma universidade, *stricto sensu*, seria cogitada logo depois da independência, por iniciativa de José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), saído da universidade pombalina nas últimas décadas do século XVIII.
- ¹⁰ Autor de *Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo escripta com versos de Virgilio pelo Padre Pietro Angelo Spera, apresentada pelo Reverendo Padre Giovanni Dulcetti, traduzida por Monsenhor João Onofre de Souza Breves*. Rio de Janeiro, Dias da Silva Júnior Tipographo Editor, 1884.
- ¹¹ A poesia latina de Manuel de Lima, S.J. (1554-1620) encontra-se no *Códice* 994, f. 470 v., da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Juntamente com o *Códice* 993, constituem o 2º e o 5º tomos da coleção *Rerum Scholasticarum, quae a Patribus hujus Conimbricensis Collegii Scriptae sunt*.
- ¹² Pero Rodrigues, S.J., (1542-1628), administrador, pregador e cronista. Autor de “*Ad Reginam*” e “*Ad Divae Elizabethae insignibus...*”, que fazem parte do *Códice* 993. F. 105 v. e f. 106, da Biblioteca da Universidade de Coimbra.
- ¹³ O poema foi elaborado mentalmente pelo jesuíta entre julho e agosto de 1563, durante seu cativeiro entre os Tamoios de Iperuí (Ubatuba).
- ¹⁴ Cf. ANCHIETA, Joseph de, S. J. *De gestis Mendi de Saa. Poema Epicum*. Tradução, versão e notas de Pe. Armando Cardoso, S.J. São Paulo: Loyola, 1986, p. 130-31.
- ¹⁵ “*As missões jesuíticas que chegaram ao Brasil em 1549 e em 1553, estavam entre as primeiras legiões de missionários que atravessaram os mares, para a catequese do gentio, em longes terras desconhecidas. Todos ficam sabendo ao que vieram esses religiosos, enviados a conselho de Diogo de Gouveia por D. João III a quem começava a preocupar a colonização do Brasil; com o compromisso essencial do jesuíta com a Igreja, na defesa e propagação da fé, criara desde a sua chegada, aqui como por toda parte, essa situação clara e definida, em que a sua espantosa atividade missionária, política e*

educadora, se apresentava subordinada inteiramente às exigências ecumênicas da Igreja e aos supremos interesses da religião.” Cf. AZEVEDO, Fernando de. Op. cit., 1958, p.10.

16 Cf. AZEVEDO, Fernando de. Op. cit., p.39.

¹⁷ Cf. LEITE, Serafim S. J. Pe., *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965, VIII, p.192.

¹⁸ Natural da Bahia, capitão-mor de Jacobina e fidalgo da Casa de Sua Majestade, publicou *Música do Parnaso* (Oficina de Miguel Manescal, Imprensa do Santo Ofício, Lisboa, 1705) – dividida em quatro coros de rimas portuguesas, castelhanas, italianas e latinas e mais duas comédias (*Hay amigo para Amigo e Amor e Engaños y Celos*), oferecida ao excelentíssimo senhor Dom Nuno Alv’res Pereira de Melo, Duque de Cadaval. Aderaldo Castello (1969, p. 68). Também de sua autoria e com o título de *Quarto coro das Rimas Latinas*, apresentam-se, em dísticos elegíacos, seis epigramas latinos, um poema heróico em que se descreve o leão e um *Colloquium Elegiacum*, por ocasião da morte de Antônio Telles da Silva. Cf. Moraes, Rubens Borba de. *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros - USP, 1969, p.250.

¹⁹ Publicou em 1665 *Labores Quinquaginta Christi Servatoris Excerpti e Libro R.P. Fr. Thomae A Iesu Eremitae Augustiniani, Et ad Lyram traducti A Salvatore Mesquita Lusitano Auspicijs Beatissimae Virgini Mariae Matris Dei, Romae, Typis Philippi Mariae Mancini*. Trata-se de uma obra composta de 50 poesias latinas, em metros diversos, cada uma sobre um "trabalho" de Jesus. Os temas são tirados dos *Trabalhos de Jesus* de Frei Tomé de Jesus. Além de *Labores quinquaginta...* Salvador de Mesquita publicou, em Roma, o drama sacro *Sacrificium Jephthae (1682)*, e, em 1716, também em Roma, *Decem Triumphum Summo Triumphorum Patri, ac Domino nostro D. Clementi P. XI a Salvatore Mesquita Brasilico Lusitano Romano Dicati. Romae. MDCCXVI (1716)*. Typis Ioseph de Mariis. Superiorum Permissu. Cf. Moraes, Rubens Borba de. Op. cit., 1969, p.251.

²⁰ Cf. ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil* (texto confrontado com o da edição de 1711, com um estudo bibliográfico, por Affonso E. Taunay, nota bibliográfica de Fernando Salles, vocabulário e índices antroponímico, toponímico e de assuntos de Leonardo Arroyo) 2., São Paulo: Melhoramentos, 1976.

²¹ Cf. LEITE, Serafim S. J. Pe., Op. cit., 1965, VIII, p. 13-14.

²² Idem, ibidem, 1965, I, p. 537; e IX, p. 100-102.

²³ Cf. MELLO, Joseph Rodrigues de, *De rusticis Brasiliae rebus.. Carminum libri IV. Accedit Prudentii Amaralii De sacchari Opificio Carmen*. Romae, ex Typographia Fratrum Puccinelliorum, MDCCLXXXI. PENAVEL, Cláudia Valéria. Um manuscrito bilíngüe [latino-português] e sua crítica textual: subsídios para um estudo. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Assis, 1994, p. 165-6.

²⁴ De acordo com Simon Schwartzman, no final do século XVIII, os antigos centros de cultura clássica em Portugal, as universidades, também cederiam lugar às novas formas de escolas profissionais e técnicas, que expressaram a modernidade científica, na Europa, desde o Renascimento. Como resultado houve uma coexistência entre as antigas e as novas formas de expressão cultural. No entanto, Portugal ainda permaneceu à margem da ciência moderna, isolado pelo jugo clerical da Contra-reforma e da Inquisição. “A reforma Pombalina iria romper este isolamento, mas não daria condições para a formação de uma comunidade científica com as características de autonomia e liberdade de espírito que existiam em outros países”. A falta de transformações de ordem político-religiosa acarretou profundas conseqüências na herança cultural que o Brasil recebeu de Portugal. “Ao empreender seu caminho independente, a cultura brasileira o fazia incorporando apenas um dos aspectos da idéia moderna de ciências, aquele referido a suas aplicações; mas faltava o mais importante: a existência de amplos setores da sociedade que vissem no desenvolvimento da ciência e na expansão da educação o caminho de seu próprio progresso”. SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da Comunidade Científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Ed. Nacional, 1979, p.51-52

²⁵ Essas cinco academias definem e completam o quadro que representa o sentido geral do movimento academicista brasileiro; o número de academias, todavia, vai além de quarenta.

²⁶ COUTINHO, Afrânio. Op. cit., 1968, p.113-18.

²⁷ BOSI, *História concisa da literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

Artigo recebido em 17/11/2006 e aprovado em 28/02/2007